

# Vende-se

Dizia assim no jornal, pequeno anúncio. Vende-se. Completando com o endereço e mais nenhuma informação. Ele deu outros, vários deles, desde a fila dos automóveis, casas, apartamentos, carrinho de bebê, ofertando também várias quinquilharias, desde móveis antigos até aparelhos usados. Assim, discriminados por seção e por condição. Até de preços, pelo visto, já que foi diminuindo de tamanho, de acordo, provavelmente, com as condições financeiras do anunciante. E o Vende-se, destacando apesar de ser o menor. Exatas três linhas. Sem telefone ou qualquer outra informação a não ser o endereço, peculiar e sugestivo: Rua das Flores, 45. Somente. Viu o bairro. Beleza, ótimo, para moradia. Se estiver vendendo deve ser apartamento. Viu na lista telefônica, sim, isso mesmo, prédio de apartamento. Mas qual. Bem, vou até o local. E estava interessado em comprar um automóvel usado, sim, mas de no máximo três anos da data de fabricação. Ou colocá-lo no mercado.

- Julio, querido, vai sair?

- Vou mãe, passando pela sala e a mãe vendo televisão, logo cedo, das notícias. Vi um anúncio de jornal. Venda de apartamento. Vou ver.

- Tome um lanche primeiro, querido, pode demorar na rua. Vamos. Deixa ver o anúncio. Ele tirou somente a folha já dobrada, do restante do jornal e deixou o mesmo em cima da mesa. Para o pai ler o que lhe interessa. A edição do jornal é assim que ele destrincha. O editorial, sempre um assunto de interesse nacional ou internacional. Evidente, um ou outro, grande coisa. O lado dos esportes, futebol e tamboréu de praia. Ótimos esportes. Um para ler e criticar, o primeiro, e o outro para criticar quando perde e a praia estava ruim, o terreno fofo demais e está fora de forma. Quando vence, nos altos dos seus sessenta e dois anos de idade, sou o máximo. Ele ri disso. E os quadrinhos e as tentações dos filmes e o olhar mais crítico sobre eles. De ação, talvez, de amor com a mamãe dele do Júlio do lado. Se for bom, vem dizendo bem. Se for ruim, não soube sequer o que aconteceu depois

do meio do filme. Exatamente trinta e cinco minutos de projeção é o máximo. Se passar, vai ler o fim no final do mesmo e a esposa vai ganhar um belo presente. E um jantar fora. De pizza a pratos sofisticados.

- Vou fazer queridinha. E sentou-se. Ela leu e o interrogou com o olhar. Não sei mãe, mas é apartamento. Vende-se e o endereço. Vai ver está mal de finanças. Só pode, pegando de volta.

- Muito ranzinza e...

- Ranzinza?!

-... e pão duro.

- Como sabe mãe, pode ser mulher. Viúva, talvez. Menina moça também, rindo.

- Você e suas...

- O que tem demais, pode pensar positivo. Viúva e menina moça, quem sabe, rindo mais ainda. Ela o agarrou pelo pescoço e beijou em sua testa, servindo o leite, o café e o pedaço?

- Na praia, jogando. Logo cedo. Não se emenda.

- Certo, certo, sem reclamação. Muito bem, está ótimo.

- Assim, rápido.

- É, vou mastigando esse enorme, mostrando o sanduíche de queijo. Branco, como sempre. E fez o beijo na testa dela, agora e saiu pela porta da cozinha mesmo. Se for casar, algum dia, agora precisa se posicionar. Chega de morar com os pais. Os irmãos e irmã já saíram cedo dela, bem antes dos seus vinte e sete anos. Já formado há dois anos e em paleontologia e estudos de morfologia. Para animais marinhos. E assim vai. Cada um com as suas vontades e idiossincrasias. Apesar de novo, tenho minhas preferências. Quando terminar a minha tese, formatada e explicada em detalhes, estou pronto para assumir as funções que gosto. No instituto de marinha. Ele saiu pela escada, do quinto andar, pensando nisso. Na sua vida. E nesse anúncio detalhado, rindo disso. Bem detalhado, foi sim, quando chegou à frente do prédio. Agora, direto no interfone.

- Sim, quem deseja?

- Meu nome é Júlio, vim pelo anúncio no jornal. Sabe me dizer... quem está falando?

- Sou o porteiro. Qual anúncio sentiu o pedido meio desconfiado, tentando enxergar e colocando a cabeça para fora do pequeno aparato na frente do prédio, voltando em seguida para a tela. Viu que mudou, pouco, o aparelho monitor acima do local para localizá-lo

melhor. Olhou direto para ele, com o rosto honesto que todos têm, até prova e m  
contrário.

- O anúncio dizia vende-se e o endereço. Sabe qual o apartamento que está sen do  
vendido?

- Não sei de nada, espere um instante que vou falar com o síndico ou o zelador. E escuta  
bater o fone e desligar. De novo o homem olhou pela janela, cinco metros adiante do  
portão, fechado e dois metros e meio de altura, pelo menos. Forte e resistente. Talvez um  
sintoma que por ali já foram presenteados com visitas incorretas. Aquela do é meu o qu e  
era seu. E esperou exato, três minutos. E de volta. Pode entrar, por favor. Ele fez, o  
homem liberou mais o portão interno. E esperou que lhe adiantasse o documento sem dizer  
mais nada, com a palma da mão para cima. Ele tirou do bolso, estranhando a atitude.

- O que foi?

- Nada não senhor. O seu documento olhou para a cédula de identidade e para ele  
novamente, como checando a fotografia com ele. Justificou.

- É antiga, pode ver. Tenho outra, de motorista, mais recente, dois anos. Essa eu preciso  
trocar. Ele pegou a outra, conferiu os nomes e devolveu as duas. E um crachá de  
visitante. Ele pensou bem, olhou de novo para o homem e resolveu fazer o que estava  
sendo coagido. Colocou o crachá na altura do peito, pendurado no bolso da camisa. Lado  
esquerdo. E bateu nele duas vezes, para protestar. O homem sequer entendeu, porque  
passou para ele uma tabuleta com folhas para ele assinar. E o horário em seguida,  
apontando para mais adiante. Ele foi e esperou. Cinco minutos e nada. Voltou.

- O que o senhor quer agora?

- Não veio ninguém!

- Eu não posso fazer nada. O senhor queria entrar eu deixei depois que falei com o zelador.  
Se ele não veio atender ao senhor não posso fazer nada.

- Pode sim, meio zangado. Ligue para ele e avise que estou esperando. O resmungo foi  
audível e o toque no interfone e tocar duas vezes, mais resmungos e pronto.

- O homem, senhor Júlio está esperando o senhor há mais de dez minutos, mentiu. E le  
está nervoso, aqui, na minha frente. Ele esperou aquele destempero. E deve ter ouvido  
algo que não gostou. O senhor veio comprar apartamento?

- Sim, qual é o andar?

- Não tem nenhum apartamento à venda, o zelador me falou agora. Quer falar com ele, por favor, interfone? Pegou e o célebre alô. E escutou tudo o que podia para depois argumentar. E ficou assim, meio desenxabido. Afinal o anúncio não dizia que vendiam apartamento. E ele ficou sem poder justificar, ficou de não se aborrecer, pensando assim, positivamente e desligou depois que agradeceu.

- Tudo bem, senhor Júlio?

- Tudo bem, vou sair, devolvendo o crachá. Só uma pergunta... não, não vou perguntar nada. Se alguma vez acontecer de alguém pedir para entrar e estiver com um elefante do lado o senhor permite? O homem o encarou, fez mais resmungos e devolveu.

- Se o senhor não sabe para onde vai, não brigue comigo. E se tiver ordem para entrar, com ou sem elefante, eu deixo. Abro o portão e faço o crachá. É essa a minha função e é a mesma razão, salientou em pensamento. Tem mesmo razão. Fez certo o seu ofício. E sorriu, devolvendo.

- Verdade. Tem razão. E saiu assim, sorrindo, olhando de volta e a cara dele não era das melhores. Saiu pelo portão, esperando, pacientemente que o homem o liberasse. Estava se vingando, com certeza, porque contou pelo menos trinta segundos depois que chegou. Mas não vou reclamar, é capaz de me manter aqui, ter que voltar várias vezes e reclamar. Confusão logo cedo. Finalmente o trinco abriu, ele fez toda a volta nele, fechou o portão Melhor, encostou. E saiu rápido. Quando se voltou, podia entender, pelo modo dele, o tanto de xingamento que a mãe recebeu. E riu disso também. Uma ida perdida em sua busca de liberdade. E de novo no jornal. Vende-se. Endereço. E passou por uma floricultura. Entrou, sentindo o odor das rosas e outras tantas. E uma simpática senhorita veio atender.

- Algo para a esposa, falou sinceramente.

- Não sou casado, ainda. E prestou atenção nela. - Só vou olhar. Se gostar levo um buquê para a minha mãe. E viu um cartaz de vende-se na prateleira. E encafifou. Olhou bem, saindo da loja, o endereço e o número da casa. A rua está certa e o número, rindo, invertido. Cinquenta e quatro. Voltou, passeou um pouco pelo local, mãos atrás, cheirando e finalizou.

- Está vendendo o estabelecimento?

- Sim, sim, com certeza. Viu o anúncio no jornal?

- Vi sim, mostrando. Pensei que estavam vendendo um apartamento. Ela pegou e começou a rir.
- O número está trocado. Mas que coisa. E esqueceram o número do telefone tamb?
- Não, não, rindo. Vou comprar a sua loja. Preciso de emprego. Porque está vendendo?
- Vou viajar para o exterior.
- Para o exterior?!
- Qual a dúvida, porque essa pergunta e desse jeito, com espanto?
- Porque achei, eu e a minha mãe, que o anúncio prenunciava uma pessoa viúva, ela riu e ele disse não com a cabeça e ela concordando... pobre ... o mesmo e ela rindo... distraída. ela rindo e o balançar de cabeça... foi o que achamos, terminou. E os dois rindo. E agora continuou, vejo à minha frente justamente ao contrario. Uma pessoa, bonita, não viúva e milionária.
- Bem, exagerou nas duas últimas, devolveu. Agora quanto à viúva, não mesmo, rindo. Bem, vai fazer a oferta?
- Não quero comprar nada, estou brincando. Sou paleontólogo e não pretendo lidar com flores. Ela é rentável, a loja?
- Sim, o motivo foi esse mesmo. E vou brigar com o jornal, pedir para retificar o anúncio. Obrigada por ajudar.
- Tudo bem. Vou levar uma rosa para ela. E faça outro buque, com duas. A primeira, vermelha, bem vermelha e a segunda mais clara, com... três rosas rosa, brincou.
- Certo. E entrou no balcão, escolhendo e mostrando para ele. Concordou com a rosa bem vermelha e uma gramínea para acompanhar, com florzinhas brancas. E o celofane em volta, bem fechado e a marca com um adesivo dourado nela. Um encanto. Deixou no balcão e fez a outra, ele escolhendo e ficando muito bonita também.
- São para você e sua simpatia, brincou, vinte e oito... trinta e cinco reais.
- Certo, pagou com uma nota de cinquenta e recebeu o troco. Pegou a de três rosas e ofereceu para ela. Não acreditou. Ficou em dúvida, mas, depois de instantes de insegurança, aceitou. E colocou no peito, rindo da situação.
- Até mais tarde. Vou voltar com a oferta, brincou. Bom dia de serviço. Não soube do seu nome.
- Pâmela, falou languidamente, ainda embevecida com a gentileza. E...

- É para saber se vai sair certo no anúncio. O telefone não precisa saber, ou melhor perguntar. Está aqui, apontando o adesivo. E sorriu. Ela retribuiu. Só mais um assunto?
- Sim!?
- É solteira?!
- Sim, sou. E não tenho namorado, também, rindo.
- Bem, não preciso de mais informações, senhorita. Volto se precisar de mais.
- Obrigada, senhor, foi um ótimo começo de vendas. Obrigada pelo presente.
- Não há de que. Até amanhã, Pâmela.
- Até amanhã!?
- Posso?!
- Sim, claro. Se for ganhar um presente desses todos os dias, a minha vida vai ser melhor... bem, obrigada. Ele saiu, sorrindo, virou-se para ver e sentir o resultado de sua investida e parece, só parece que se deu bem obrigado. E quando chegou a casa, melhor, no apartamento da mãe, foi convencido por ela a voltar também, depois da gentileza da rosa mais do que vermelha.
- Não entendi mãe.
- Devolva essa para ela e as três para mim. Trocou. Ela riu, ele abraçou e vendo bem, ou sentindo melhor, mãe é mesmo uma situação bem estranha para nós. Tem uma família com a realidade impressionante. E o anúncio vende-se no dia seguinte, logo cedo, disputando o jornal com o pai, saiu assim. Vende-se. O endereço. O telefone. Aceitamos presentes. Ele riu, mostrou para a mãe. Ela não riu, ficou feliz isso sim. Finalmente! Ele n?

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/vende-se>